

Um desfile militar como nunca houve nas Caldas



■ Alunos do Colégio Militar



■ Pelotão das Operações Especiais



■ Desfile das forças em parada

As comemorações tiveram o seu momento mais alto com as cerimónias que decorreram no domingo na Av. 19 de Maio e que foram presididas pelo ministro da Defesa, Aguiar Branco e pelo general chefe do Estado-Maior do Exército, Pina Monteiro.

E tratando-se de um evento militar, tudo correu como previsto, sem margem para imprevistos nem plano B. Fora do normal apenas alguns apupos e assobios dispersos à chegada do ministro, em oposição aos aplausos de que foi alvo o general Ramalho Eanes que antecedeu o governante.

Tudo o resto foi previsível, a

começar pela hora – meio-dia – em que oficialmente se deu início à cerimónia. Cinco minutos depois a Banda do Exército tocava a Maria da Fonte, que é o hino do Exército, ouvido em sentido pelas muitas centenas de militares presentes na avenida. De seguida, escoltado por um grupo de tropas da Escola de Sargentos do Exército (unidade anfitriã), deu entrada o bloco de estandartes de todas as unidades do Exército.

Acto contínuo, teve lugar um dos momentos mais emocionantes do evento quando, perante a bandeira nacional, milhares de vozes cantaram bem alto o Hino

Nacional que foi também tocado pela Banda do Exército.

Seguiram-se apenas duas intervenções: a do general chefe do Estado-Maior do Exército, Pina Monteiro e a do ministro da Defesa, Aguiar Branco que, mais uma vez, ouviu alguns apupos pontuais por parte do público.

Aguiar Branco, como qualquer ministro do actual governo, não escapou, assim, aos protestos de que têm vindo a ser alvo sempre que se deslocam a eventos públicos. Neste caso, contudo, a presença de centenas de homens fardados em parada, bem como da PSP, Polícia do

Exército e altas patentes militares, funcionou como elemento dissuasor a demonstrações mais generalizadas.

Após os discursos, foram medalhados, com honra e circunstância um oficial, um sargento, uma soldado e uma civil, dando-se depois início ao momento mais espectacular do dia que foi o desfile das forças em parada.

Sob o ressoar dos tambores da fanfarra do Exército e – naturalmente – em perfeita ordem unida, atravessaram a avenida alunos do Colégio Militar, as alunas do Instituto de Odivelas, os Pupilos do Exército, oficiais e cadetes da Academia Militar e

pelotões da Escola de Sargentos do Exército, da Brigada de Intervenção, da Brigada Mecanizada e da Brigada de Reacção Rápida. Os últimos três grupos impressionaram pela uniforme e equipamentos de combate que exibiam, tal como se estivessem no campo de batalha, bem como pelos aguerridos cânticos que entoavam.

As comemorações terminaram assim, ficando a faltar o aparato do material bélico mecanizado. Mas desde há dois anos que, em virtudes dos cortes orçamentais, o Dia do Exército se comemora apenas com a tropa apeada.

Fonte oficial do Estado Maior do Exército disse à **Gazeta das Caldas** que a inexistência de desfile motorizado e a redução do número de viaturas nas exposições, permitiu reduzir em cerca de metade os custos do Dia do Exército relativamente ao que era prática até há dois anos (no ano passado, em Bragança, já se comemorou de acordo com este figurino low cost).

O Exército não quis, porém, revelar quais os custos deste evento.

Carlos Cipriano
cc@gazetacaldas.com

Um ministro averso aos comentadores



■ O general Pina Monteiro lembrou ao poder político que o Exército tem um défice de 5000 efectivos

Os “comentadores de fato cinzento e gravata azul” que acham as Forças Armadas desnecessárias e os militares que conspiram e discutem política nos salões dos hotéis, foram os alvos do ministro da Defesa, Aguiar Branco, no seu discurso proferido nas Caldas da Rainha, e amplamente divulgados na comunicação social nacional.

O governante respondeu à alocação do general chefe do Estado Maior do Exército, Pina Monteiro – que referiu a necessidade de comprar viaturas Pandur e helicópteros NH90 – afirmando que não iria adquiri-las devido às restrições orçamentais. E enunciou os ganhos obtidos à custa dos cortes nas Forças Armadas, concluindo que “ao todo já tomamos medidas para libertar o erário público em mais de mil milhões

de euros”. Um contributo importante, disse, para “resgatar a liberdade das gerações vindouras”.

Aguiar Branco disse que algumas pessoas poderão pensar que estas reduções não são uma boa notícia por se poder estar a cortar em equipamento necessário ou a diminuir a capacidade operacional dos militares, “mas a esses eu respondo que a minha prioridade são os meus soldados”, aos quais tem vindo a resolver os problemas relacionados com as promoções e a progressão na carreira. Ou seja, para o ministro, num cenário de recursos escassos, estes vão prioritariamente para os homens e mulheres das Forças Armadas, em detrimento do equipamento.

O ministro criticou de seguida os “comentadores de fato



■ Aguiar Branco: “o discurso de um Portugal desarmado é profundamente perigoso”

cinzento e gravata azul que encham as páginas dos jornais e as horas de noticiário televisivo” a perguntarem para que servem as Forças Armadas. E alertou que “esse discurso de um Portugal desarmado é profundamente perigoso”, tão perigoso, que pode ser ainda pior “do que qualquer outra ameaça externa”.

Referindo-se por três vezes aos referidos “comentadores de fato cinzento e gravata azul”, Aguiar Branco estendeu as suas críticas também às associações militares – que têm estado muito activas ultimamente – dizendo que há tropas nos salões dos hotéis a discutir política enquanto outros, dentro dos quartéis, “cumpram o seu dever e servem os portugueses”.

Na alocação anterior, Pina Monteiro mostrara compreen-

são pelas restrições impostas pelo poder político na esperança de ganhar “a batalha contra o tempo de soberania limitada que vivemos e que afecta a liberdade de acção nacional”, mas sem deixar de salientar que o Exército vive hoje com 5000 homens e mulheres a menos do que o necessário para guarnecer a sua estrutura orgânica.

Pina Monteiro anunciou ainda a criação da Escola Prática das Armas, que irá substituir as sete escolas práticas do Exército, numa medida, afinal, idêntica à dos mega-agrupamentos de escolas do Ministério da Educação. Por analogia, também os hospitais do Exército, da Marinha e da Força Aérea serão reunidos num único Hospital das Forças Armadas.

C.C.



■ À sua chegada, o general Ramalho Eanes foi aplaudido por algumas pessoas do público

CEME recorda o 16 de Março de 1974

Numa resposta escrita à **Gazeta das Caldas** sobre quais as razões que levaram o Chefe do Estado Maior do Exército a escolher as Caldas da Rainha para estas comemorações (é a primeira vez que o Dia do Exército se celebra fora de uma capital de distrito), Pina Monteiro diz que “**existe uma relação histórica entre a cidade e os militares**” materializada na Escola de Sargentos do Exército, a qual é herdeira do RI 5. “**Neste contexto, mais recentemente, relembra-se o 16 de Março e a sua importância para o 25 de Abril**”, refere o general.

Razões operacionais ditaram também esta escolha, nomeadamente a existência de diversos locais para as actividades desenvolvidas, a existência da ESE que permitiu dar apoio administrativo e logístico, a centralidade da cidade para acolher meios humanos e materiais de vários pontos do país e “**o apoio por parte das autoridades, nomeadamente da Câmara das Caldas da Rainha, que prontamente se disponibilizou para apoiar este evento**”.

O Dia do Exército trouxe à cidade 1400 militares e algumas centenas de familiares e amigos destes.

C.C.



Uma exposição no Parque com aquilo que de melhor a tropa tem



■ Demonstração de rapel no Parque D. Carlos I



■ As famílias aproveitaram para visitar a exposição de material militar

Uma das actividades do Dia do Exército foi a exposição de materiais e equipamentos militares no Parque D. Carlos I, na qual podiam ver-se viaturas de guerra, um hospital de campanha e diverso armamento. A mostra contou com muitos visitantes durante o fim-de-semana.

"Esta é uma padaria de campanha e hoje à tarde já partilhamos bola com mais de mil pessoas", dizia o sargento Flávio Peixoto, que veio da Escola Prática de Serviços, que fica na Póvoa do Varzim. O sargento, prontificou-se para dar algumas explicações adicionais sobre esta padaria industrial, compacta, que pode ser aerotransportada e levada para qualquer terreno de operações. Nas Caldas, a padaria esteve junto ao Céu de Vidro e durante a exposição produziu, ao vivo, bola, pizza e pão com chouriço.

"Trata-se de material de nova geração, pode ser lançada de pára-quedas e dá para fornecer alimentação para 300 homens por dia a uma média de oito pães por homem", disse o militar.

"Tivemos mais gente hoje à tarde aqui no Parque das Caldas do que durante todo o dia no 10 de Junho no Parque Eduardo VII em Lisboa", disse Flávio Peixoto explicando que entre as 14h00 e as 18h00 tinham distribuído bola de atum por um milhar de pessoas e soldados.

"Nota-se a boa relação da população das Caldas com o Exército... creio que é por ter a unidade aqui perto", comentou este sargento, referindo-se à ESE.

Várias tendas espalhadas pela zona central do parque, davam a conhecer ao público diversas vertentes da actividade do Exército português. Por exemplo, do Centro Militar de Electrónica (Paço de Arcos) marcaram presença os telefones usados em teatros de guerra antigos.

"Estes são os telefones de campanha que foram usados na Guerra Colonial. Dá para ver a forma como evoluíram em relação aos que se usam hoje, como este, um telefone por satélite", disse Humberto Santos, do Centro Militar de Electrónica. Esta foi a oportunidade de conhecer as telecomunicações e as transmissões que os militares usam nos teatros de operações desde os rádios -transportados à mão ou no dorso - e que hoje possuem desde GPS até à comunicação segura. Podem ser fixos ou podem ser transportados em viaturas. Para os miúdos, havia naquele espaço capacetes para experimentarem e pequenos rádios para poderem tomar contacto directo com a forma como se estabelecem comunicações entre militares.

Em seguida, passou-se à análise de aparelhos ópticos e electrónicos. Havia para conhecer em pormenor binóculos que permitem visão nocturna e aqueles que auxiliam a visão para a prática do tiro nocturno.

"Há alguns que permitem ter uma visão no terreno até cinco quilómetros", disse João Adegas, enquanto dava uns binóculos a uma criança para que esta soubesse o que era a visão nocturna.

"Esta interacção com o público é muito interessante. Os mais novos gostam desta questão da visão nocturna que normalmente já conhecem por causa da guerra do Golfo e dos filmes que assistem. Aqui constatam como é algo actual e que é muito preciso", rematou o militar.

Da exposição no parque contava com várias viaturas militares, entre elas as Pandur II 8X8, uma delas até transformada em unidade de saúde. Era possível experimentar a sensação de subir a uma viatura militar, de estar numa trincheira com uma arma e ainda de fazer slide e rapel em equipamentos colocados junto aos Pavilhões do Parque.

Na tenda das Operações Especiais (OE) do Exército Português esteve exposto todo o equipamento daquela força e que é usado no combate a curtas distâncias, em mergulho, nas operações em neve e no reconhecimento especial (que implica fotografia, vigilância nocturna, câmara térmica e GPS).

O campo de treino das OE fica em Lamego, mas segundo o militar Carlos Carvalho, **"também fazemos exercícios em vários quartéis do país"**.

O soldado explicou que **"hoje tivemos bastante gente a visitar-nos, alguns dos quais com vontade de integrar a nossa força"**, disse o soldado.

Para fazer parte das OE - que actualmente tem cerca de 90 homens - é necessário **"alguma vontade e algum valor"**. As OE não integram mulheres nas suas fileiras pois até hoje ainda não houve nenhuma candidata que conseguisse entrar, **"mas estamos abertos a candidaturas só que até ao momento ainda nenhuma passou as provas"**, acrescentou o militar. As OE funcionam em em task unit (14 elementos) e em task elements (equipas de quatro soldados).

Carlos Carvalho considera que esta forma de contactar com o público é interessante pois **"se queremos ter bons militares, temos que os procurar e se pudermos ter este tipo de exposições permite-nos dar a conhecer o que somos"**.

A intenção do Exército ao efectuar este tipo de exposição alargada foi a de apresentar a diversos públicos **"uma amostra daquilo que de melhor tem à sua disposição, dando imagem de um ramo das Forças Armadas que opera materiais modernos e variados, utilizados por militares competentes"**, de acordo com um documento distribuído ao público. Neste também se expressa que estas iniciativas o Exército procura recrutar novos militares.

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com



■ Uma criança brinca com uma arma de guerra sob o olhar atento de um soldado

Pára-quedistas colocam caldenses de “nariz no ar”



■ O primeiro pára-quedista com a bandeira dos “Falcões Negros”

No sábado à tarde, 27 de Outubro, foram muitas as pessoas que quiseram assistir à demonstração de capacidades e meios que teve lugar no parque de estacionamento do CHO, situado atrás do Chafariz das Cinco Bicas. Esta exibição chegou a estar prevista para a Praça da Fruta, mas por causa dos candeieiros se situarem no centro do empedrado, foi transferida para a zona do hospital.

Da sessão fizeram parte várias demonstrações desportivas e militares. Além de marchas e de apresentação de armamento, houve demonstrações de resolução de problemas em caso de contaminação, com os soldados equipados com fatos adequados.

Uma das mais aplaudidas foi a apresentação dos soldados com cães com treino militar que incluía demonstrações onde um militar protagonizava o papel de meliante, usando fato próprio, resistente a dentadas. Foi feita ainda uma apresentação onde os soldados, acompanhados pelos cães, mostraram como se comportam estes binómios em situações de combate.

A intervenção que contou com maior adesão do público foi a dos pára-quedistas, uma das mais aguardadas e que fechou a apresentação.

Foram largados cinco pára-quedistas que acabaram por aterrar com enorme precisão no parque do Chafariz, situação que colocou a plateia de nariz no ar e que arrancou fortes aplausos entre os presentes.

N.N.



■ Demonstração de operações do binómio militar e cão



■ Um pelotão autocomandado fez demonstração de ordem unida



■ A utilização do robot permite manter a integridade física do militar quando é necessário destruir uma carga explosiva



■ Soldados equipados para ambiente biológico e químico



“Não permitiremos que, por esta vil tristeza, a Pátria que deu tanto trabalho a tantos, se possa perder”, disse D. Januário Torgal Ferreira

Um dos momentos mais aguardados das comemorações do Dia do Exército foi a missa celebrada pelo bispo das Forças Armadas e de Segurança, que no seu tom habitual e já conhecido dos portugueses, fez um apelo aos militares em nome do país.

A missa celebrada na igreja da Nossa Senhora da Conceição no domingo passado, a que assistiram as altas instâncias do Exército, bem como militares da reserva e na reforma, autarcas locais, para além de muitos caldenses, foi transmitida pela RTP.

Logo no início da missa, o bispo D. Januário Torgal Ferreira pediu ao “Senhor da Misericórdia e da Paz que nos cure da cegueira e da ignorância e que nos mostre o caminho que foi rasgado pelos gloriosos militares que fundaram a Nação, com a sua coragem e humildade, com fraternidade cívica que nesta hora devia ser exemplo para muita gente”.

Durante a homília, D. Januário recordou ensinamentos da

doutrina social da Igreja como “a distribuição dos bens, o justo salário, o impedimento da confiscação”, numa alusão explícita aos tempos que se vivem em Portugal.

Num tom marcado pela emoção referiu ainda que “nas bermas da História os pobres aceitam ao poder para ser verem livres das doenças, da fome e da dependência, sobretudo da injustiça”, defendendo a “coragem de falar perante o escândalo do silêncio de tantos”.

Mais à frente, referiu a “revitalização dos militares que foram obreiros em relação às suas gentes”, considerando que “muitos têm esquecido esta lição primária da História”.

Para o bispo das Forças Armadas, “a actual debilidade da coesão nacional, fruto de desajustes e o desequilíbrio escandaloso entre os que têm mais, mormente em comparação com quem nada tem, são uma ameaça à solidez do país”.

Prosseguindo no seu estilo desassombrado, disse ainda que “hoje perdemos a independên-

cia nacional do ponto de vista económico e financeiro, ninguém está dispensado da epopéia da reconquista, mesmo que não gostem dos comentários, da liberdade crítica, da expressão livre e da participação responsável na construção da casa de todos nós.”

Outra frase digna de registo: “não haverá libertação, se nós não defendermos, como temos prometido sempre, os tristes, os escoraçados, os diminuídos, do ponto de vista cívico, como eu vi militares portugueses a salvar em Timor Leste com outras forças, sem contar com a preparação contínua e avisada para estes riscos”.

Quase a terminar, citou Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro, lembrando que este último na Pátria escrevia “a Nação mais do que de libras, carece de alma”. E concluiu: “nós não permitiremos que, por esta vil tristeza, a Pátria que deu tanto trabalho a tantos se possa perder, como todos os dias temos andado a assistir”.

JLAS/CC



■ Uma missa invulgarmente participada



■ Academia Militar



■ Alunas do Instituto de Odivelas



■ Púlpitos do Exército



■ Uma nota dissonante - um cartaz de protesto